

Aquisição do Encontro Consonantal: Um Estudo Comparativo

Consonant Cluster Acquisition: a Comparative Study

Claudia Tereza Sobrinho da Silva¹

Universidade Federal da Bahia

Resumo: O presente trabalho expõe os resultados do PROAEP (Programa de Estudos sobre a Aquisição e Ensino do Português como Língua Materna) sobre estudo a respeito do processo de aquisição dos encontros consonantais, realizado a partir do banco de dados coletado através da aplicação do ERT (exame fonético-fonológico) e tem como base a Teoria da Fonologia Natural, alicerçada na noção de processo fonológico desenvolvida por Stampe (1973) e as propostas de Ingram (1976) e Teixeira (1988, 1991, 2011). O estudo tem como objetivo, portanto, verificar quais são as estratégias mais utilizadas na aquisição do onset complexo durante a aquisição da fonologia do português brasileiro por 128 crianças soteropolitanas, entre 2 e 8 anos, distribuídas em 8 grupos etários, e se existem diferenças, no percurso aquisicional, entre indivíduos pertencentes à classe socioescolar A e C. Após a análise dos dados, verificou-se que: a elisão segundo elemento e a confusão na realização do segundo elemento são as estratégias mais recorrentes nas duas classes socioescolares. Outras estratégias também foram verificadas, no entanto, sua recorrência é pouco significativa.

Palavras-chave: Aquisição de Linguagem; Fonologia; Aquisição do encontro consonantal.

Abstract: This paper presents the results of PROAP (Study Program on the Portuguese Acquisition and Teaching as Mother Tongue) on study on the acquisition of consonant clusters process performed from the database collected by applying the ERT (phonetic-phonological examination) and is based on the Theory of Natural Phonology, based on the notion of phonological process developed by Stampe (1973) and the proposed by Ingram (1976) and Teixeira (1988, 1991, 2011). The study aims therefore verify what are the strategies most used in the acquisition of complex onset during the acquisition of phonology of Brazilian Portuguese by 128 children soteropolitanas between 2 and 8 years, divided into eight age groups, and there are differences, in acquisitional route between individuals belonging to social school class a and C. After analyzing the data, it was found that: a partial elision of the second element and the net of confusion are the most frequent strategies in both social school classes. Other strategies were also found, however, recurrence is negligible.

Keywords: Language Acquisition; Phonology; Acquisition of consonant cluster.

Submetido em 01 de abril de 2016.

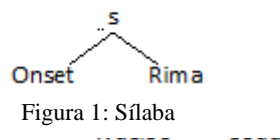
Aprovado em 25 de agosto de 2016.

1. A Sílabas

A sílaba é uma unidade de análise muito importante nos estudos fonológicos, principalmente nos estudos que adotam a Fonologia Autossegmental, a Fonologia Métrica ou a Fonologia Prosódica como ponto de partida para investigação. A sílaba (cf. Figura 1) consiste em um *onset* (ou ataque) e rima. A rima consiste em um núcleo e em

¹ Professora Dra. Departamento de Letras Vernáculas, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. E-mail: claudia.tsobrinho@gmail.com.

uma coda. Em língua portuguesa, o núcleo silábico é o elemento obrigatório. Os demais elementos, o *onset* e a *coda*, são elementos opcionais. Apresenta, portanto, uma estrutura interna que, de acordo com a abordagem métrica (Selkirk, 1982 *apud* COLLISCHONN, 2005), pode ser representada da seguinte forma (SILVA, 2003):



Conforme dito acima, o núcleo silábico é o único elemento obrigatório e, em língua portuguesa, é sempre ocupado por uma vogal. O *onset* e a coda ocupam as margens silábicas, são elementos opcionais e são ocupados pelas consoantes. As consoantes podem, portanto, aparecer em quatro posições: *onset* absoluto, *onset* medial, coda medial, coda final. Numa palavra como <gostar> [gɔstəh], o [g] ocupa o *onset* absoluto e o [t] o *onset* medial; o [s] ocupa a coda medial e o [h] a coda final.

No caso dos encontros consonantais, o *onset* está ocupado por dois segmentos consonantais, sendo assim chamado de *onset* complexo ou ramificado: <grave> ['gravi] (cf. Figura 2), possuindo, portanto, uma estrutura silábica do tipo CCV. A ocorrência de *onset* complexo altera as possibilidades de ocorrências de consoantes na primeira e na segunda posição: apenas as obstruintes / p b t d k g f v/ podem ocupar a primeira posição; e apenas as líquidas /l r/ podem ocupar a segunda posição. No entanto, nem todas as combinações entre esses dois elementos são possíveis na língua portuguesa: [dl] não ocorre; [vl] é encontrado apenas em palavras de empréstimo; [tl] encontradas apenas em palavras derivadas do latim e [vr] é encontrado apenas internamente à palavra (cf. TEIXEIRA, 2005).

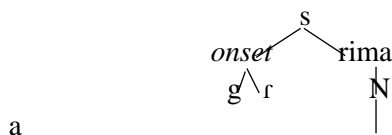


Figura 2: Representação da Sílaba [gra]

De acordo com Teixeira (1986), o processo de simplificação dos encontros consonantais, na fala adulta, “tem sido colocado como indicador de um alto grau de estigmatização”, quer se consolidando através da elisão do segundo membro, ex.: podre [podʒɪ]; quer através da confusão entre as líquidas do segundo elemento, ex.: planta [prɛtɐ]; quer através da migração ou da metátese, ex.: dentro [drɛtu]; precisa [pɛsɪzɐ].

Já os estudos em aquisição de linguagem mostram que a estrutura silábica do tipo CCV é a mais complexa e a última a ser adquirida. Ao não conseguir produzir adequadamente o alvo, diferentes estratégias, i.e., diferentes maneiras pelas quais um processo fonológico é implementado, são encontradas nos dados infantis:

Os processos são, nesta perspectiva, de fato, dispositivos notacionais formais utilizados pelo analista para detalhar os “erros” de pronúncia da criança. Eles têm, assim como as regras gerativas, uma importante vantagem sobre a classificação tradicional de erros como “substituições, distorções e omissões”, à medida que a presença de outros fatores (como, por exemplo, os sons adjacentes) pode ser levada em conta, i.e. sua aplicação é por vezes sujeita a pressões do contexto linguístico mais imediato. Os processos se tornam, assim, capazes de ressaltar o fato de que o desenvolvimento fonológico leva à expansão das possibilidades estruturais dos padrões de fala da criança e à criação e estabelecimento de um sistema de contrastes (TEIXEIRA, 2011, p.19)

O foco do nosso trabalho é justamente o *onset* complexo. O que se objetiva com o presente artigo é verificar quais são as estratégias utilizadas no processo de simplificação dos encontros consonantais, utilizadas por crianças entre 2;1 a 8;0, pertencentes à classe socioescolar A e C e se existem diferenças no percurso aquisicional do onset complexo. Espera-se, portanto, responder às seguintes perguntas:

- a) quais são as estratégias utilizadas no processo de simplificação ou redução dos encontros consonantais durante a aquisição do português como língua materna?
- b) qual a estratégia mais recorrente?
- c) quais são as estratégias mais comuns em cada faixa etária?
- d) Há diferenças de estratégias entre o grupo C+l e o grupo C+r?
- e) Existem diferenças entre os indivíduos pertencentes à classe socioescolar A e aqueles pertencentes à classe socioescolar C.

De acordo com Teixeira (1988), o processo de simplificação dos encontros consonantais evolui através de diferentes estágios:

- 1) Elisão do segundo elemento do encontro. Ex.: fralda [ˈpadɐ];
- 2) Quando o segundo elemento começa a emergir, é realizado como uma aproximante ou semivogal palatal. Ex.: praia [ˈpʝajɐ];

- 3) Quando o segundo elemento já é consistentemente realizado, ocorre o processo de confusão de líquidas. Um processo paralelo de silabificação pode ocorrer. Ex.: trem [ˈtlɛĩ], planta [ˈpɛ̃tarɐ]
- 4) O segundo elemento do encontro se desloca dentro da sílaba e passa a ocupar a posição da consoante final na sílaba. Ex.: precisa [pɛxˈsizɐ]
- 5) E a migração dos encontros que ocorrem em posição interna para a posição inicial. Ex.: degrau [ˈdɾegaũ].

A simplificação dos encontros consonantais tem um período normal de ocorrência, até por volta dos 3;6 e, de acordo com Teixeira (1988) “vem a ser o último processo de simplificação a ser descartado pela criança, e pode se estender até a idade dos 5 anos”.

No entanto, Ribas (2002 *apud* RIBAS, 2004, p. 154) afirma não existir “estágios intermediários na aquisição da sílaba CCV; o que pode ser observado é a produção C¹V durante o curso da aquisição e a produção correta quando a estrutura silábica está adquirida”. Para Ribas (2002, p. 155), “esses estágios não podem ser admitidos como regra para as crianças falantes do português brasileiro pois fica evidente que são diferenças individuais que justificam a existência dos outros tipos de estratégia”. Em seu estudo, Ribas (2004) conclui que diversas estratégias além da elisão da C² são utilizadas, mas representam baixa ocorrência no total dos dados. Conclui também, assim como os estudos de Teixeira, que o *onset* complexo é a última estrutura a se estabilizar dentro do sistema fonológico infantil, podendo ocorrer regressões de uso durante o processo de aquisição. E complementa:

Esse domínio tardio apresenta dois aspectos singulares. O primeiro é que a aquisição da sílaba CCV (aos 5;0) ocorre um ano depois de toda aquisição fonológica (segmental e das demais estruturas silábicas), e o segundo é que não há ordem de domínio de diferentes grupos de *onset* complexo, diferentemente do que ocorre com a aquisição do núcleo complexo, da coda e dos segmentos em *onset* simples. (RIBAS, 2004, p. 163)

1.1. Os Processos Fonológicos

Esta pesquisa faz parte do PROAEP – Programa de Estudos sobre a Aquisição e o Ensino do Português como Língua Materna –, coordenado pela professora Elizabeth Reis Teixeira, e baseia-se na teoria da Fonologia Natural, que tem como alicerce a noção de Processo Fonológico defendido por Stampe (1973).

Segundo a teoria de Stampe (1973), processos fonológicos são operações mentais que eliminam ou substituem um termo de difícil articulação, sendo eles inatos e universais. Para esta teoria, as crianças, que são elementos passivos, em vez de adquirirem ou desenvolverem um sistema fonológico, aprendem a suprimir ou restringir os processos inatos que não ocorrem na língua adulta.

Por essa visão, os processos fonológicos, que se aplicam a representações fonológicas abstratas que a criança retira da fala adulta, adquirem realidade psicológica, isto é, estes processos são, por esta teoria, encarados como sendo, segundo Teixeira (1983, p. 05) “mecanismos *realmente existentes* na fala do indivíduo, e não como meros construtos teóricos utilizados pela Psicolinguística, a fim de descrever o complexo (e ainda não exaustivamente conhecido) processo de aquisição dos sistemas de sons”. Para esta teoria, as representações fonológicas infantis são, de maneira subjacente, uma representação igual à forma adulta, convicção de difícil comprovação, pois isto só seria possível se o sistema perceptivo da criança estivesse completamente desenvolvido desde o início de sua fala significativa. Apesar de suas limitações, esta teoria oferece a vantagem de mostrar, claramente, a relação existente entre as formas adultas e as formas da criança, descrevendo, de forma sistemática e dinâmica, os processos que afetam a produção infantil.

Teixeira (2011), adotando um critério semelhante ao de Ingram (1976), divide os processos fonológicos do português em processos de substituição (substituição entre classes de sons), processos modificadores estruturais (simplificação da estrutura silábica, prosódica e/ou lexical) e processos sensíveis ao contexto (assimilação de elementos do contexto). E aqui vale a pena diferenciar processo de estratégia:

PROCESSOS, então, são entendidos como princípios mais gerais de organização do material fonético-fonológico que a criança percebe e processa a partir da fala adulta, implementados através dos diferentes padrões ou estratégias realizacionais específicos à língua ou universais (2009, p. 23). O termo ESTRATÉGIA está aqui sendo utilizado, de forma diferenciada de PROCESSO, para descrever os padrões realizacionais através dos quais os PROCESSOS (princípios mais gerais de organização daquilo que a criança percebe na fala adulta) são implementados (TEIXEIRA, 1988, p. 62).

Uma vez que a queda de um segmento, a migração dele para outra sílaba ou a mudança do segmento dentro da mesma sílaba, por exemplo, alteram a estrutura silábica, lexical e também prosódica, afetando as possibilidades combinatórias através das quais o sistema de sons da língua se organiza, os processos de simplificação dos

encontros consonantais são considerados processos modificadores estruturais ou processos estruturais.

2. Metodologia

O *corpus* estudado no presente trabalho é constituído por 128 sujeitos soteropolitanos, de ambos os sexos, de 2,1 (dois anos e um mês) a 8,0 (oito anos), cujos pais possuem, no caso dos indivíduos da classe socioescolar A, nível superior e, no caso dos indivíduos da classe socioescolar C, no máximo, o nível fundamental completo. Estes sujeitos estão igualmente distribuídos em 8 grupos etários (16 sujeitos, 8 de cada classe, em cada faixa etária):

Grupos Etários	
Grupo 1	(2;1 ² – 2;6)
Grupo 2	(2;7 – 3;0)
Grupo 3	(3;1 – 3;6)
Grupo 4	(3;7 – 4;0)
Grupo 5	(4;1 – 4;6)
Grupo 6	(4;7 – 5;0)
Grupo 7	(5;1 – 6;0)
Grupo 8	(6;1 – 7;0)

A coleta de dados para este trabalho foi efetuada através da metodologia transversal de coleta de dados, isto é, foram coletados dados através de um contato rápido e dentro de uma situação controlada, e, para que esta metodologia pudesse ser aplicada com sucesso, foi especialmente elaborado um exame fonético-fonológico, intitulado Exame Fonético-fonológico ERT, que tem como objetivo fazer uma avaliação do tipo “screening” (INGRAM, 1976) da maturação fonológica da criança, verificando sua capacidade de produzir sons de sua língua distintivamente.

Antes da utilização para a coleta dos dados que compõem este trabalho, o exame fonético ERT passou por um período de validação com o objetivo de se detectar os pontos falhos do material inicialmente selecionado para a realização dos inquéritos, dando ao pesquisador, a oportunidade de reformular o material, sanando e/ou minimizando as deficiências do teste na fase de coleta de dados, sendo que só após esta validação é que se pode ter certeza sobre a eficiência do material utilizado e assegurar que os dados têm um alto grau de confiabilidade.

² Leia-se dois anos e um mês. Dois anos e seis meses. O número que antecede o ponto e vírgula representa o ano e o que sucede o mês.

O Exame Fonético (ERT) é composto de 66 palavras normalmente familiares às crianças e com boa representação pictórica para a nomeação espontânea. No entanto, apenas 14 delas serão utilizadas na presente pesquisa, listadas a seguir:

Encontro	Palavras do Exame Fonético ERT
C+l	bicicleta, blusa, chiclete, flecha, flor, planta
C+r	braço, cruz, fralda, igreja, livro, prego, quadro, trem

É importante observar que as palavras foram escolhidas levando-se em consideração fatores como a faixa etária dos sujeitos, os procedimentos de coleta de dados, a familiaridade dos sujeitos com os itens lexicais a serem evocados, as unidades linguísticas utilizadas e os contextos fonológicos a serem analisados.

Os enunciados produzidos foram tratados, tabulados e analisados através do uso de tabelas e gráficos que mostram o desenvolvimento do processo de simplificação da consoante final durante a aquisição do português.

3. Resultados

3.1. O *onset* C+[l]

No que se refere ao *onset* complexo formado por consoante mais lateral (C+l), a análise dos dados revelou a presença das seguintes estratégias: elisão do segundo segmento, elisão total do encontro consonantal, rotacismo, semivocalização, migração e epêntese.

A **elisão (E)** é uma estratégia na qual a criança não produz um dos segmentos em foco, no caso, os segmentos que formam o encontro consonantal. Apenas um dos segmentos que compõem o encontro é apagado, geralmente o segundo. Por exemplo: [buzə] para 'blusa. Dentre todas as estratégias encontradas, a elisão é a mais presente nos dados analisados. É interessante observar que a elisão foi encontrada em todas as faixas etárias, do G1 ao G8, em ambas as classes

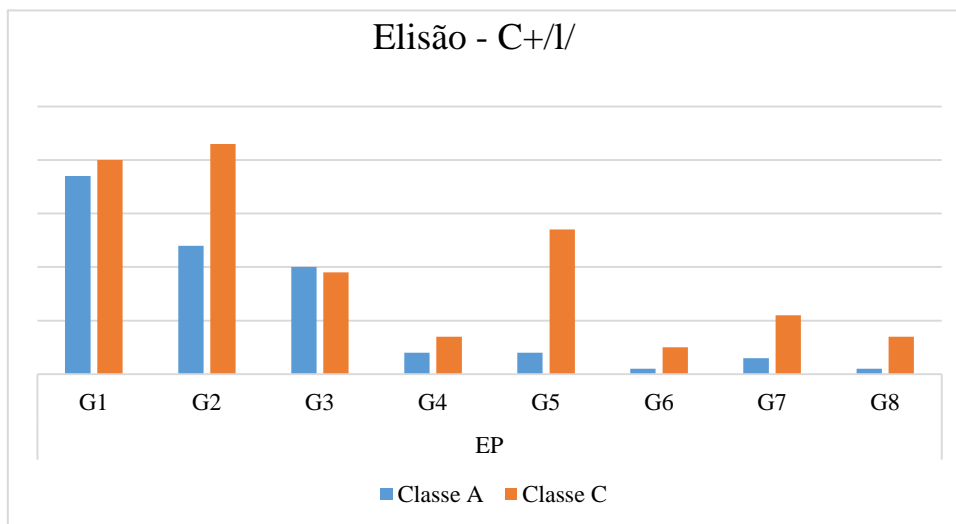


Gráfico 01: Elisão nas Classes A e C

Como pode ser observado, apesar de ter sido encontrada em ambas as classes socioescolares, a frequência de ocorrência da E na Classe C é muito maior do que na Classe A, tendo sua frequência de ocorrência diminuída a partir dos 3;7.

A **confusão na realização do segundo elemento (Cf)** foi outra estratégia encontrada. Consiste, nesse caso, na substituição de um segmento lateral por um vibrante, no caso, de um [l] por um [r], processo esse também conhecido como rotacismo (**R**). Por exemplo: [fro] para 'flor'.

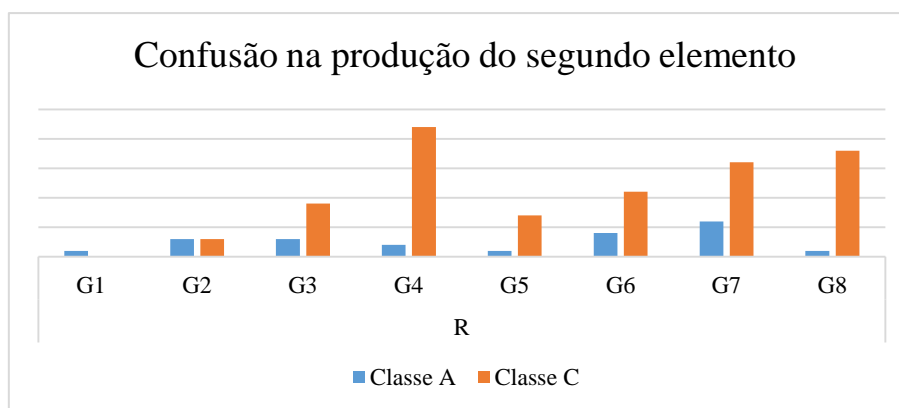


Gráfico 02: Confusão do segundo elemento (rotacismo) nas Classes A e C

Interessante observar como tal estratégia passa a ser recorrente apenas após os três anos, nas duas classes, embora tenha a frequência de ocorrência maior na classe socioescolar C. É, inclusive, se levarmos em consideração o fator faixa etária, mais frequente que a Elisão Parcial a partir dos 3;7. Outras estratégias foram encontradas com menos frequência:

A **migração (M)** consiste no deslocamento de um segmento para outra sílaba e foi uma estratégia pouco recorrente. É um exemplo de migração: [blisi'ketɐ] para 'bicicleta'.

A **semivocalização (S)** consiste na produção de um segmento com valor consonantal como uma semivogal. Na análise dos dados, encontramos apenas a semivogal anterior [y] em “substituição” ao [l]. Por exemplo: ['byuzɐ] para 'blusa'. A semivocalização foi uma estratégia pouco utilizada pelas crianças nas duas classes socioescolares.

A **silabificação (Sb)** consiste no acréscimo de um fonema, geralmente uma vogal, afetando a estrutura silábica. No caso da epêntese aqui investigada, um segmento é inserido entre as consoantes que formam o encontro consonantal, tornando a estrutura silábica do tipo CCV no tipo CV.CV. É o caso de [si'lɛsɐ] para “flecha”. O gráfico 03 apresenta as ocorrências das outras estratégias.

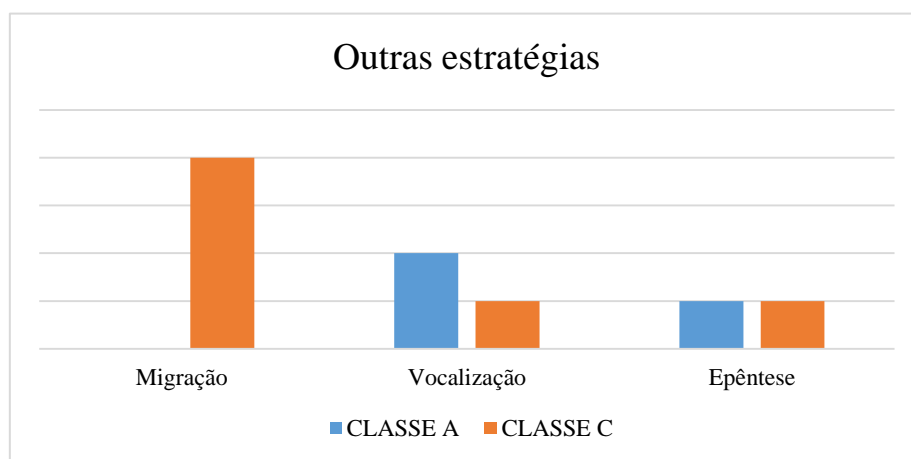


Gráfico 03 – Outras estratégias recorrentes nas Classes A e C

A elisão e a confusão na realização do segundo elemento são as únicas estratégias que são recorrentes para além do grupo 03. No Gráfico 04, abaixo, verificamos a recorrência das estratégias por faixa etária. Observe como a confusão é uma estratégia recorrente e que aumenta a partir do Grupo 03 ao passo que a elisão vai diminuindo. A estratégia deixa de ser a que modifica a estrutura silábica e passa a ser a que modifica o segmento.

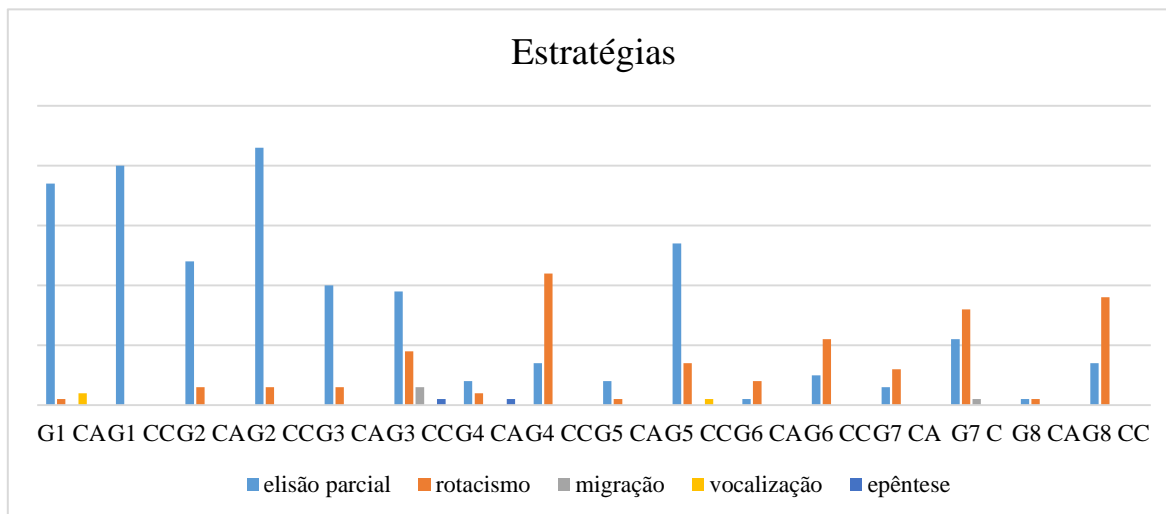


Gráfico 04 – Estratégias por faixa etária. CA – Classe A; CC – Classe C

3.2 O onset C+[r]

No que se refere ao *onset* complexo formado por consoante mais vibrante (C+r), a análise dos dados revelou a presença das seguintes estratégias: elisão do segundo segmento, confusão na realização do segundo elemento, semivocalização, migração e a silabificação.

Dentre todas as estratégias encontradas, a **elisão** é a mais presente nos dados analisados, conforme Gráfico 05. É interessante observar que a elisão foi encontrada em todas as faixas etárias, do G1 ao G8.

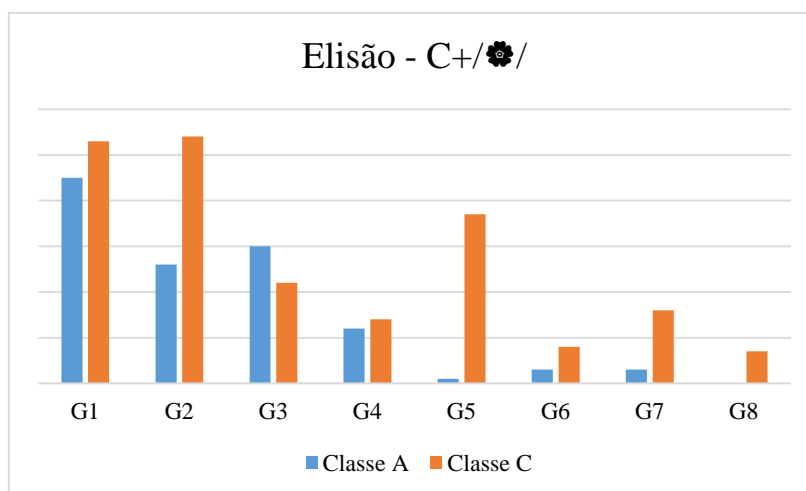


Gráfico 05 – Elisão nas classes A e C.

A **confusão na realização do segundo elemento (Cf)** também foi registrada. Só que aqui consiste na substituição de um segmento vibrante por um lateral, no caso, de um [r] por um [l], processo esse também conhecido como lateralização (L). Por exemplo: ['flaldɐ] para “fralda”. Sua recorrência é tão presente quanto a do rotacismo, sendo mais frequente na Classe A, conforme podemos observar no gráfico 06.

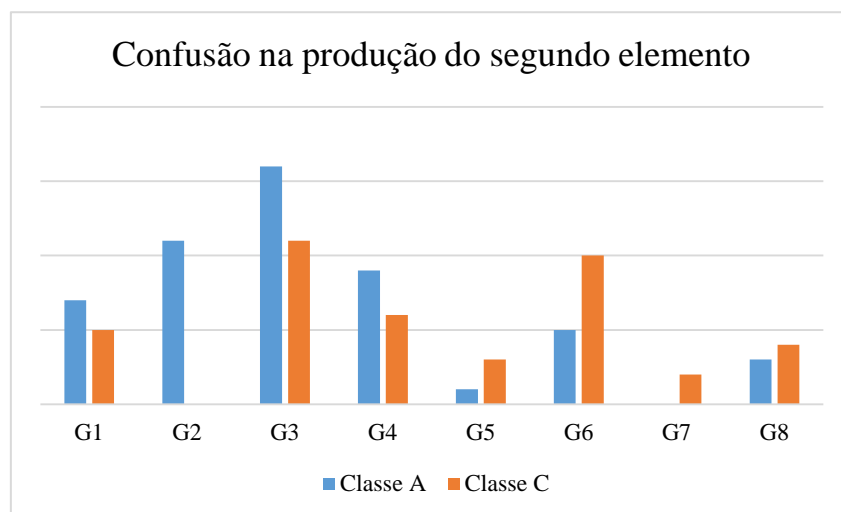


Gráfico 06 – Confusão na realização do segundo elemento. Lateralização.

Na análise dos dados, também encontramos a presença da semivocalização (S). Assim como no encontro C+[l], nesse grupo C+[r], a semivocalização foi uma estratégia pouco utilizada pelas crianças – assim como a migração (M) e a silabificação (Sb). Confira Gráfico 07 abaixo.

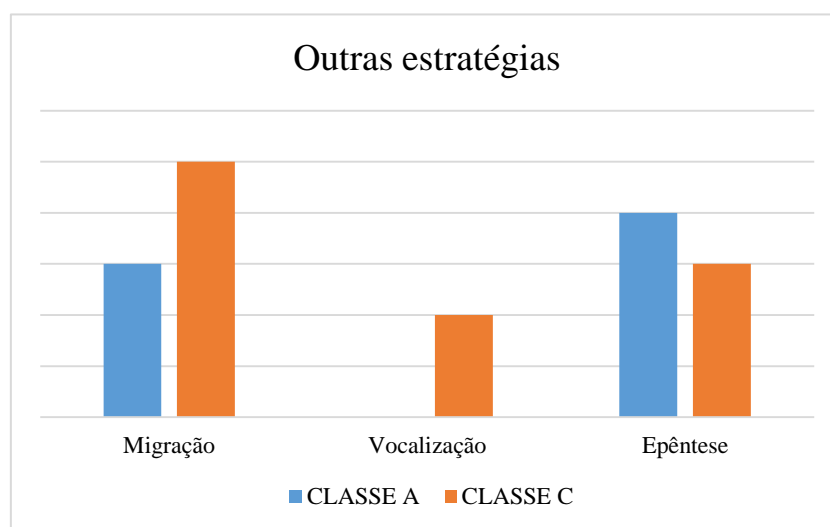


Gráfico 07 – Outras estratégias recorrentes nas Classes A e C.

No gráfico 08 abaixo, encontramos as estratégias mais recorrentes na aquisição do *onset* complexo formado por C+[r].

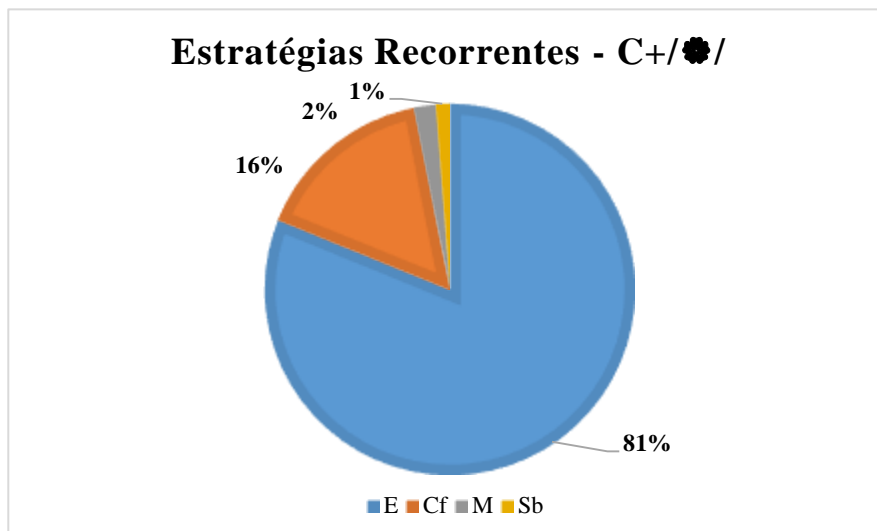


Gráfico 08 – Estratégias – *onset* C+[r]

Já no Gráfico 09, abaixo, encontramos as estratégias recorrentes por faixa etária. É notável a diferença no que se refere à recorrência de estratégias entre o *onset* formado por consoante mais lateral (C+[l]) e o *onset* formado por consoante mais vibrante (C+[r]). Assim como o primeiro tipo de encontro, a elisão do segundo elemento é a estratégia mais recorrente, mas, diferentemente do outro encontro, a confusão na realização do segundo elemento não é mais tão recorrente. O que parece indicar que o encontro formado por C+lateral é mais “complicado” nessa fase de aquisição do que o encontro formado por C+vibrante.

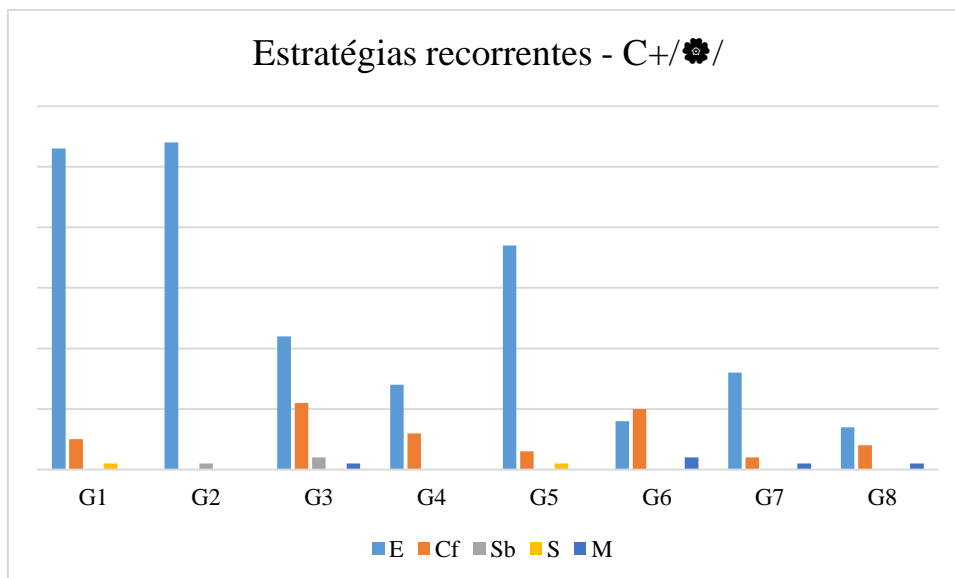


Gráfico 09 – Estratégias por faixa etária. *Onset C+[r]*.

O Gráfico 10 abaixo nos mostra que a elisão do segundo segmento do encontro consonantal é a estratégia mais recorrente, tanto no *onset* formado por lateral quanto ao formado por vibrante. A confusão na realização do segundo elemento, principalmente a que envolve a lateral (sendo substituída por uma vibrante) é outra estratégia bastante recorrente e presente até faixas etárias mais avançadas. Já a confusão que envolve a vibrante (sendo substituída pela lateral) não é tão produtiva e, ao contrário da outra, é mais frequente nas faixas etárias iniciais.

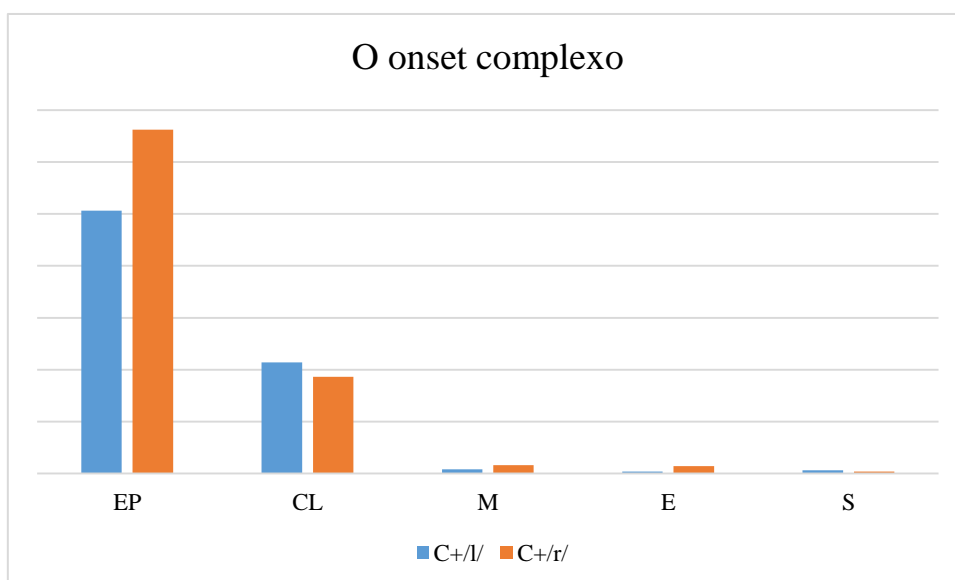


Gráfico 10 – Estratégias mais recorrentes no onset formado por lateral e no formado por vibrante.

Conclusão

A partir da análise dos dados estudados do *corpus* do banco de dados do PROAEP, podemos concluir que, dentre as estratégias utilizadas, a elisão é a estratégia mais recorrente, tanto em *onset* do tipo consoante mais lateral (C+[l]) quanto em *onset* do tipo consoante mais vibrante (C+[r]).

A semivocalização do segundo elemento, a migração e a epêntese não são estratégias recorrentes. Já a confusão na realização do segundo elemento, principalmente a que envolve o *onset* do tipo C+[l] é bastante recorrente e presente até nas faixas etárias mais avançadas.

A frequência de ocorrências das estratégias é maior na Classe C do que na Classe A, sendo mais significativa apenas no que se refere à elisão do segundo elemento do encontro consonantal do que nas demais estratégias apresentadas. No entanto, chama a atenção como a lateralização é uma estratégia bastante recorrente nas fases iniciais da Classe A, diminuindo por volta dos 4 anos, ao passo que o rotacismo é uma estratégia pouco recorrente nas fases iniciais das Classes A e C, tornando-se frequente na Classe C após os 3;7.

Com base nos dados acima analisados, podemos concluir que, devido a seu amadurecimento psicolinguístico, a criança, em sua tentativa de reproduzir o modelo adulto, recorre cada vez menos a essas estratégias.

Desta maneira, este estudo cumpriu sua finalidade, pois atingiu o objetivo de fazer uma análise sobre o processo de Simplificação do *onset* complexo em língua portuguesa.

Referências

RIBAS, C. L. Sobre a aquisição do onset complexo. In: LAMPRECHT, R.R. (org.).

Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia.

Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.* São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, T. C. *Dicionário de fonética e fonologia.* São Paulo: Contexto, 2011.

STAMPE, D. *A Dissertation on Natural Phonology*. Chicago: Universidade de Chicago. Tese Inédita de Doutorado, 1973.

TEIXEIRA, E. R. *Os Níveis Fonético e Fonológico de Descrição*. 1983. Mimeo (atualizado em 1988).

TEIXEIRA, E. R. Processos de Simplificação Fonológica como Parâmetros Maturacionais em Português. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 14, p. 53-63. Campinas: UNICAMP, 1988.

TEIXEIRA, E. R. Perfil do Desenvolvimento Fonológico em Português (PDFP). *Estudos Linguísticos e Literários* n. 12, p. 225-238. UFBA, 1991.

TEIXEIRA, E. R. Os processos de simplificação fonológica na aquisição do português. In: *Estudos: Linguísticos e Literários*. N. 44. Salvador: Edufba, 2011.